



Lomografia e Instagram: a retomada e atualização da fotografia analógica¹

Laís Akemi MARGADONA²

Fernanda HENRIQUES³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

RESUMO

Em uma época dominada pela fotografia digital, questionamos aqui como a tecnologia analógica tem se contextualizado nessa fase de mudanças, além de se atualizar ao hibridizar suas características com as da plataforma digital. Como estudo de caso, será utilizado o movimento de fotografia em filme denominado Lomografia, além da comparação com seu similar digital, o Instagram, abordando também questões como a queda da Kodak e a falência da Polaroid.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia analógica; fotografia digital; lomografia; instagram; hibridismo

INTRODUÇÃO

“O futuro é analógico”. Este mote, defendido pelo movimento alternativo de fotografia em filme denominado Lomografia, define o que o processo analógico é considerado pelos jovens entusiastas da fotografia: uma novidade e uma possibilidade expressiva a ser explorada. Durante as décadas de 1960 e 1970, a técnica fotográfica evoluiu a ponto de substituir a tradicional película química fotossensível, o filme, pelo sensor CCD (*Charge Coupled Device*). Nos anos 1990, a Kodak lançou a primeira câmera totalmente digital, a Kodak DSC 100 (TRIGO, 2005, p.176), o que fez com que as facilidades da captura digital, em que o custo do clique é praticamente zero, aposentasse os antigos equipamentos de filme e os gastos com ampliações — ainda que, durante um certo período de transição, muitos fotógrafos resistissem em aceitar a nova plataforma, por acreditar que a fotografia digital, de alguma forma, retirava a “magia” da fotografia (VALLE, 2012, p.4).

Para uma geração que praticamente nasceu dentro do domínio da fotografia digital, os antigos incômodos e desvantagens do processo analógico tornaram-se itens desejáveis

¹ Trabalho apresentado no IJ04 — Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação . 7º. semestre do Curso de Design – Habilitação em Design Gráfico , da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC/UNESP). Email: laisakemi.ma@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Design da FAAC/UNESP. Email: ferdi@faac.unesp.br



para uma expressão estética diferenciada. Pode-se citar, por exemplo, as vinhetas, desfoques, cores hipersaturadas e vazamentos de luz, os quais são efeitos gerados por câmeras fotográficas analógicas de mecanismo pouco preciso, filmes expirados e objetivas baratas, muitas vezes construídas em plástico.

Os efeitos (ou talvez, defeitos) visuais gerados por processo físico-químico não são tão acessíveis se comparados à emulação proporcionada por *gadgets* — tais como filtros prontos para a aplicação em imagens capturadas por dispositivos móveis —, pois o processo de revelação do filme e ampliação dos fotogramas encarece o processo e não oferece um resultado visual imediato ao clique; e equipamentos e materiais, como certos filmes e químicas, são por muitas vezes raros, custosos e difíceis de serem encontrados. Em contrapartida, assistimos a um movimento reverso a essas dificuldades: a LOMO inaugurou, no ano passado, a sua segunda loja em São Paulo; e a primeira, no Rio de Janeiro, existe desde 2011. Dessa maneira, lomógrafos do cenário nacional puderam também obter filmes de características e resultados estéticos diferenciados, além de releituras das antigas câmeras russas (em 2006, foi lançada a nova LOMO LC-A+, produzida na China e dotada das características originais da lendária câmera substituída). Observa-se, então, uma retomada recente da fotografia analógica.

Assim, em uma época em que a fotografia digital é dominante por ser mais acessível, prática e de resultados imediatos, pergunta-se aqui de que maneira a fotografia analógica está se atualizando, e como está se beneficiando de características digitais para se revitalizar.

A LOMOGRAFIA

O movimento experimental cuja estética fotográfica é denominada Lomografia, surgiu na década de 1990, associado à popularização da câmera LOMO LC-A (*Lomo Kompakt Automat*). Projetada na União Soviética e produzida em massa a partir de 1984, intentava-se produzir uma câmera “maciça, pequena e de baixo custo, para que as famílias soviéticas tivessem acesso à fotografia e pudessem assim documentar seu cotidiano. Dessa forma, a URSS poderia utilizar essas fotografias como propaganda do estilo de vida soviético” (CALAÇA, p. 1, 2010). Posteriormente, a LOMO LC-A foi exportada para países como a Ucrânia, Polônia e República Tcheca — nesse último país, um grupo de estudantes austríacos a descobre, em 1991, utilizando das distorções de sua lente de plástico para capturar, de modo casual e informal, as ruas de Praga, e a si próprios. Em 1992, é fundada a Lomographic Society International, em Viena, de modo



a difundir os preceitos da Lomografia, conhecidos como “As 10 regras de ouro”. Resumidamente, difunde conceitos como aproximar a fotografia do cotidiano, fotografar de maneira incansável, clicar rapidamente e alheamente às regras formais de composição e enquadramento. A cultura lomográfica utiliza-se de câmeras baratas, sem a preocupação com a perfeição das imagens, e sim com a adequação ao intuito ansiado, contando com o imprevisível.

Desta forma, o mecanismo de baixo custo da russa LOMO LC-A, ícone da Lomografia, foi projetado para registrar o cotidiano. Visando reduzir gastos, foi dispensada a elaborada engenharia interna de uma câmera que visa emular perfeitamente a situação retratada. No entanto, como resultado, encontramos distorções visuais geradas pelo mecanismo simples e pelas lentes fabricadas em plástico, as quais, para os lomógrafos, adicionam um diferencial artístico à produção fotográfica (CALAÇA, 2010, p.4). O inesperado, o experimental e os defeitos técnicos são adicionados à estética da imagem, ao invés de, como ocorreria na fotografia tradicional, serem rejeitados. Assim, essa produção fotográfica experimental deixa de ser uma imagem literal do referente e age como um testemunho fotográfico.

A HIBRIDIZAÇÃO COM O DIGITAL

Para aqueles que defendem um trabalho com base em um enfoque sobre os conceitos tradicionais ou contemporâneos, de uma forma, digamos “pura” de produção, pensar na mistura de técnicas pode provocar conflitos, uma vez que "a compreensão da mestiçagem choca-se com hábitos intelectuais que levam a preferir os conjuntos monolíticos aos espaços intermediários" (GRUZINSKI, 2001, p.48). É mais simples reduzir o entendimento a enfoques dualistas e maniqueístas que entender algo que é múltiplo, cujos resultados podem ser mais variados e ricos. A mestiçagem, ou hibridismo, não é um elemento fácil de ser aceito, pois a complexidade das informações eventualmente, inclusive, aludem a uma ideia de impuro e desordenado.

Ao navegar na *homepage* da Lomography, observamos diversos exemplos da hibridização entre as plataformas analógica e digital na fotografia. Primeiramente, as fotografias originais, antes em ampliações ou negativos físicos, foram transformadas em arquivo binário através do processo de escaneamento. Ou seja, a imagem original teve suas características mescladas com as da plataforma digital. Como ponto positivo, o manejo de pesados álbuns com ampliações é substituído pela facilidade de armazenamento e navegação das imagens binárias. Porém, a fotografia híbrida também



sofrerá com questões e dificuldades da fotografia digital, como a efemeridade do registro fotográfico em um contexto de super-produção. Para a consagrada fotógrafa brasileira Kitty Paranaguá (2010, p.44), “as imagens se perdem da mesma maneira como circulam”. Ainda, Paranaguá defende que, antes do surgimento da fotografia digital, “as imagens eram pensadas, esperadas e visualizadas. Agora, a ordem é registrar tudo” (2010, p.46). Para o fotógrafo Ricardo Pimentel (2010, p.52), essa produção imagética exacerbada resulta em grande atenção ao conteúdo da informação e em pouca atenção aos detalhes, criando dúvidas sobre o que realmente tem boa qualidade nesse grande fluxo imagético — especialmente, ainda, se esta questão digital se hibridizar com o conceito lomográfico de registrar incansavelmente. No entanto, defendemos que os amadores de hoje tiram proveito de tal produção sistemática de resultados imediatos, pois essa prática facilita a educação visual dos fotógrafos contemporâneos.

Por outro lado, a fotografia híbrida, originalmente analógica, se beneficia dos mecanismos de publicação da internet. Dificilmente a produção fotográfica em filme realizada por amadores seria tão vista e difundida somente dependendo do suporte do negativo e da ampliação. A homepage da Lomography, além de redes sociais como o Flickr, tornam eficientes a publicação e divulgação da fotografia analógica hibridizada, além dos preceitos da própria Lomografia.

A HIBRIDIZAÇÃO COM O ANALÓGICO: INSTAGRAM

Fotografias digitais alteradas por filtros que simulam um visual analógico são também outro exemplo de hibridização. Nesse caso, características visuais da produção físico-química, ainda que geradas inteiramente por processo digital, são aplicadas a arquivos originalmente binários. Um exemplo de aplicativo que exerce essa função é o popular e gratuito Instagram, o qual oferece filtros, ou seja, *templates* visuais pré-fabricados, facilmente aplicáveis a fotografias capturadas por dispositivos móveis — um dos filtros, o “X-Pro II”, simula as alterações de cor decorrentes do processo cruzado de revelação. Interessante notar que essa produção também se beneficia das facilidades de compartilhamento da plataforma digital: o Instagram tem sua própria, eficiente e interativa rede social, de circulação mundial, para compartilhamento das fotografias híbridas geradas por seus usuários através da interface do aplicativo. De maneira análoga à Lomografia, a produção imagética do Instagram também documenta o cotidiano valendo-se de falhas do processo analógico para a criação de uma identidade visual diferenciada. No entanto, no caso do Instagram, os usuários muitas vezes não



possuem conhecimento dos processos, e não deter esse *know-how*, para Flusser (1998), acaba limitando-os aos resultados pré-fabricados gerados pelos aparelhos fotográficos. Flusser ainda afirma que apenas o domínio da técnica permite uma comunicação efetivamente criativa.

A QUEDA DA KODAK E A FALÊNCIA DA POLAROID

Para Silva Junior (2012), a quebra da Kodak, a qual pediu concordata em 2012 para um tribunal de Nova Iorque, está ligada não só à própria concorrência com as facilidades do digital, mas também à rígida hierarquia proposta por ela. Em seu histórico *slogan* “aperte o botão que nós faremos o resto”, o usuário limitava-se ao disparador da câmera, recebendo posteriormente um produto acabado e uniforme. “O resto”, o qual o lema referencia, seria o processamento físico-químico do negativo e das ampliações que, para Silva Junior (2012), é tido como um conhecimento especializado e tecnocrático. Com essa hierarquia declarada, o fotógrafo estava apartado de parte do processo de experimentação técnica da linguagem fotográfica — é um mecanismo eficiente para amadores sem pretensões maiores, porém insatisfatório para aqueles que buscam uma linguagem diferenciada.

Já a Polaroid Corporation decretou falência no início de 2008, alegando também a concorrência com o digital. Similarmente ao lema da Kodak, a idéia era de facilitar a vida do usuário que pretendia registrar situações familiares; porém, o processamento fotográfico era instantâneo. A documentação familiar pelas câmeras Polaroids era uma opção cara: o material sensível à luz utilizado de substrato era pouco e custoso. “O cartucho da Polaroid vinha somente com dez muito escassas oportunidades e era mais caro que todas as coisas imagináveis”, recorda Casciari (CASCIARI, 2010 *apud* DIOGO, 2011). Ou seja, a problemática do custo praticamente praticamente neutralizava o benefício da instantaneidade.

No entanto, fotógrafos analógicos em busca de técnicas alternativas continuavam ainda a utilizar câmeras Polaroid em sua produção. Tendo em vista essa necessidade, um grupo de ex-funcionários da Polaroid Corporation formou o The Impossible Project, visando voltar a produzir filmes polaróides, que inclusive já estão disponíveis para venda *online* no país. Além disso, a Impossible está atenta às novas necessidades dos fotógrafos contemporâneos: em 2012, lançou o Instant Lab, um *gadget* capaz de imprimir em polaróide as fotos registradas no Instagram. Durante a fase projetual do Instant Lab, a Impossible arrecadou mais de US\$ 500 mil no site de financiamento



coletivo Kickstarter, provando a popularidade do projeto. A idéia, então, não é a de registrar massivamente, e sim experimentar as possibilidades expressivas da fotografia em polaróide.

Sendo assim, a queda da Kodak e a falência da Polaroid Corporation não sinalizam o fim da tecnologia fotográfica analógica.

CONCLUSÃO

É possível constatar que a técnica digital trouxe diversas novas questões para a fotografia. Para Paranaguá (2010, p.35), esses tópicos emergentes abrem novos caminhos e possibilidades expressivas que ainda não foram completamente elucidados.

Segundo Valle (2012, p.7), já ultrapassamos o momento de transição entre o velho e o novo, superada, então, a era de choque entre a fotografia analógica e a digital. Defendemos o fato de estarmos em um momento de mestiçagem na fotografia, em que ambas plataformas coexistem e beneficiam-se de características uma das outras, num processo híbrido e realimentativo. As características geradas pela mestiçagem e hibridização perduram porque são consolidadas, alteradas, adaptadas.

Graças a esse processo, vemos a retomada da fotografia analógica, tanto em cenário internacional quanto nacional, comprovada pela abertura das duas lojas da LOMO no Brasil, inclusive com relançamento das câmeras russas, além da disponibilidade de materiais para fotografia em polaróide disponibilizados recentemente pela Impossible.

Em outra via, o Instagram também dá mostras de como a fotografia analógica tem se atualizado. O aplicativo superou a marca de 50 milhões de downloads no Google Play e, em 2012, foi vendido para o Facebook pelo valor de um bilhão de dólares. “O valor estonteante pago pelo Instagram decorre do fato de ele sintetizar em modelo operacional o regime visual do começo do século XXI” (SILVA, 2012, p.2).

No entanto, consideramos a Lomografia uma atualização do analógico mais eficiente, já que o usuário experimenta ativamente no processo físico-químico, não se limitando a uma quantidade de filtros pré-definidos para a manipulação da imagem. Vale lembrar que a icônica câmera do movimento lomográfico, a LOMO LC-A, não é totalmente automática, permitindo seu controle manual. Julgamos, então, que a Lomografia é um tipo de captura fotográfica que não se limita a “apertar o botão”, referenciado no lendário lema da Kodak.



REFERÊNCIAS

CALAÇA, Mariana Capeletti. **Lomografia: uma forma artística de documentação do cotidiano**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 12, 2010, Goiânia. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0322-1.pdf>>.

Acesso em: 01 mai. 2013.

DIOGO, Lígia. **Outros registros de família do passado**: Discos, fitas cassete, monóculos, slides e polaroids como suportes de memória. In: CONGRESSO MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO IBERO-AMERICANAS, 1, 2011, São Paulo. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/202.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

ESTADÃO PME. Empresa transforma imagens do iPhone em fotos instantâneas no estilo Polaroid. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2013. Disponível em: <http://pme.estadao.com.br/noticias/noticias_empresa_transforma_imagens_do_iphone_em_fotos_instantaneas_no_estilo_polaroid,2805,0.htm>. Acesso em: 10 mai. 2013.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a Fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

FLUTURE, Samantha. 20 anos de Lomography em “o futuro é analógico”. **Brainstorm9**, 06 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.brainstorm9.com.br/33093/fotografia/20-anos-de-lomography-em-o-futuro-e-analogico/>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LOMO LC-A+. **Página da Lomography sobre a história da LOMO LC-A**. Disponível em: <<http://microsites.lomography.com.br/lca+/history>>. Acesso em: 08 abr. 2013.

LOMOGRAPHY. **Homepage do movimento e da loja lomográfica**. Disponível em: <<http://www.lomography.com.br/>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

MARTINS, Nelson. **Fotografia: da analógica à digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.

PARANAGUÁ, Kitty in: MARTINS, Nelson. **Fotografia: da analógica à digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.

PIMENTEL, Ricardo in: MARTINS, Nelson. **Fotografia: da analógica à digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.

SILVA JUNIOR, José Afonso da Silva. **Da fotografia Expandida à Fotografia Desprendida: Como o Instagram Explica a Crise da Kodak e Vice-versa**. In: CONGRESSO BRASILEIRO



DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012, Fortaleza. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1704-1.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2013.

TRIGO, Thales. **Equipamento fotográfico**: teoria e prática. São Paulo: Senac, 2005.

VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do. **Fotografando digitalmente, pensando analógicamente**: os fotógrafos migrantes. *Revista Ícone*, Pernambuco, v. 14, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.icone-ppgcom.com.br/index.php/icone/article/viewFile/190/176>>. Acesso: 07 abr. 2013.